

Smartpens: escrita  
para tudo ficar logo  
digitalizado ■ PV

Conheça as armas  
do novo Opel Astra  
e compare ■ PVIII

# “Há políticos que querem ver-me fora do jornalismo”

José Rodrigues dos Santos já vendeu três milhões de exemplares dos romances que escreveu. No momento em que “Vaticanum” chega às livrarias, o jornalista diz que “há críticos em Portugal que se afogam na inveja”. ■ PII/III



ENTREVISTA José Rodrigues dos Santos  
Jornalista e escritor

# “Em Portugal há críticos que se afogam em inveja”

“Vaticanum” é o novo romance de José Rodrigues dos Santos. Nesta entrevista, o autor que mais vende em Portugal fala sobre as polémicas que envolvem os seus livros.

José Carlos Lourinho  
jlourinho@jornaleconomico.pt

José Rodrigues dos Santos considera que “cada romance é uma aventura do conhecimento”.

**Vender três milhões de exemplares não está ao alcance de mais nenhum escritor nacional. Esperava chegar a este patamar quando iniciou o percurso literário?**

De maneira nenhuma. Comecei a escrever romances quase por acidente, sem quaisquer pretensões que não fosse contar uma boa história. Acontece que, após alguma desconfiança inicial, as pessoas foram aderindo cada vez mais e a cada título fui conquistando mais e mais leitores.

**Quais eram as expectativas antes de se iniciar na escrita de romances?**

Como qualquer escritor, queria, e quero, ser lido. Isso é legítimo e natural. Ninguém escreve para não ser lido, embora poucos o admitam. Mas tornar-me o escritor mais lido de Portugal, no país e no estrangeiro, ultrapassou tudo o que pudesse imaginar.

**Já disse que a sua ambição enquanto escritor resume-se a escrever coisas que o façam aprender. Entre o que aprendeu para escrever romances, destaca algum tema que o surpreendesse?**

As perguntas para eu escolher o livro de que mais gosto, ou o tema de que mais gosto, ou qualquer outra coisa nesta linha deixam-me sem saber o que responder porque, na verdade, não consigo destacar nada. Aprendi sempre muita coisa com os romances que escrevi. O nosso lugar no universo com A Fórmula de Deus e A Chave de Salomão, o porquê da crise económica com “A Mão do Diabo”, a violência como parte do islão

com “Fúria Divina”, as falsificações da Bíblia em “O Último Segredo”, as relações ideológicas entre marxismo e fascismo com “As Flores de Lótus” e “O Pavilhão Púrpura”, a corrupção na Santa Sé com “Vaticanum”... cada romance é uma aventura do conhecimento.

**Existe uma marca distintiva nos seus romances que passa por partir de mistérios reais para uma história ficcional. Tem uma predileção por este tipo de obras? Considera que este é um género que é cada vez mais trabalhado no mercado editorial português ou ainda se sente sozinho nesse universo?**

Não conheço mais nenhum autor no mundo que faça thrillers de mistério real. Não quer dizer que não haja, quer dizer que não conheço nem nunca ouvi falar em nenhum que utilize a mesma técnica. Cada autor tem a sua voz, a sua marca distintiva, e esta é a minha, pelo que é natural que seja o único a escrever desta maneira.

**Interessa-se por temas onde exista um consenso para que possa mostrar que a sustentação dessa unanimidade é frágil ou falsa?**

Sim, interessa-me muito desmontar ideias consensuais falsas sobre qualquer tema. Colombo era mesmo genovês? Hmm... olhem que não. O islão é uma religião pacífica sequestrada por um bando de loucos que desvirtuaram a sua mensagem de paz e amor? Pois... na verdade a violência faz parte integrante dos textos sagrados do islão, incluindo o Alcorão e os ahadith. Jesus nasceu em Belém, filho de uma virgem, era Deus-Filho e pregava amor universal? Bem... isso não é nada assim, conforme se pode ler nos próprios evangelhos. O marxismo e o fascismo estão em campos opostos? Por acaso isso é errado, o fascismo nasceu direta-

mente do marxismo. Gosto de questionar ideias feitas, enfrentar tabus e derrubar dogmas. Sou um livre pensador e isso é bem visível na minha obra.

**Cada um dos temas que tem explorado nos seus livros - seja o cristianismo, o islamismo ou o marxismo - gerou reações veementes por parte de várias franjas da sociedade portuguesa. Como é que interpretou essas reações e como reage a elas?**

A literatura não serve apenas para fazer exercícios de linguagem ou para contar histórias, serve também para provocar, explorar ideias, derrubar muros. “O Crime do Padre Amaro” é um grande romance porque Eça de Queiroz desafiou tabus sobre a Igreja e a vida dos padres, “Madame Bovary” é um grande romance porque Flaubert derrubou os dogmas sobre o papel da mulher no casamento, “O Amante de Lady Chatterley” é um grande romance porque D.H. Lawrence desafiou os

Interessa-me muito desmontar ideias consensuais falsas sobre qualquer tema.

tabus em torno da sexualidade feminina. Não me quero comparar a estes vultos, quero apenas mostrar que o trabalho de um romancista é desafiar falsidades estabelecidas e revelar verdades escondidas. Se a divulgação destas verdades incomoda os poderes estabelecidos... paciência para os poderes estabelecidos.

**Já referiu que “faz parte da arte provocar e tocar no proibido”. É o que tenta fazer simultaneamente nos seus livros? Receia que essa exposição comprometa ou se confunda com a sua profissão de jornalista?**

Expor a verdade nunca compromete o jornalista, pois esse é também o seu trabalho.

**O que é que transporta do jornalismo para a literatura? Há algo na literatura que possa ser utilizado no jornalismo?**

O que transporto do jornalismo para a literatura é sobretudo a técnica de escrita. Os jornalistas procuram escrever de uma forma clara e interessante. É isso que, enquanto escritor, tento fazer. Um texto impenetrável e difícil de ler é, para mim, um texto mal escrito. A boa escrita é aquela que é capaz de tornar compreensíveis e interessantes as ideias mais complexas. O maior elogio que tive foi de um leitor que me agradeceu por ter posto a mãe a discutir física quântica, coisa que ele nunca imaginara ser possível.

**Lê com interesse as críticas (positivas e negativas) que são feitas aos seus livros?**

Naturalmente que leio.

**Como reage a essas apreciações?**  
Algumas, confesso, fazem-me rir. Há em Portugal alguns críticos que se afogam em inveja e chega a ser cómico ver a forma como têm dificuldade em lidar com ela. ■







Foto cedida

Fotografia com RA

# “Vaticano esconde muita lama e envolve papas”

**Considera que a crítica literária em Portugal é justa para com as suas obras?**

Não é uma questão de justiça. A crítica em Portugal divide-se muitas vezes segundo linhas de apreço pessoal, e constato que alguns críticos exigem que eu escreva de uma maneira que não quero nem gosto de escrever. Já a crítica internacional é esmagadora na apreciação positiva da minha obra. Basta ler o que os críticos literários escrevem em França, na Alemanha, na Holanda, nos países de Leste, e ficamos elucidados.

**Em Portugal, ao contrário do que acontece no estrangeiro, ainda se avaliam as obras sem dissociar as mesmas do seu autor? Por que razão considera que isto acontece?**

Porque um crítico português não consegue, e isso é natural e humano, separar do autor a análise da obra. Se o crítico simpatiza pessoalmente comigo, tende a ser simpático. Se antipatiza, tende também a refletir isso na crítica. Já o crítico internacional não me conhece de parte alguma, não tem simpatia nem antipatia, não tem ideias pré-concebidas e limita-se a avaliar o que lê.

**Ghost writers ou não ser o próprio a escrever os seus livros: qual o rumor que mais o diverte e porquê?**

Todos os rumores me divertem porque refletem alguma desorientação perante a minha obra. Só os leitores portugueses é que não estão desorientados. Sabem o que querem. E não são nada parvos. Os leitores de livros são um público especial, culto e informado, e muito exigente. Há críticos que na sua arrogância acham que os leitores são estúpidos e não percebem que é o contrário, os leitores são bem mais inteligentes do que eles.

**Investigação ou escrita do livro: qual é a fase da criação que mais o entusiasma?**

As duas. Uma obra é essencialmente transpiração pintalgada por inspiração, para usar o velho cliché, e isso reflete-se na investigação e na escrita. Só não gosto da fase de revisão. Aborreço-me.

**Vai continuar a não responder à pergunta sobre qual o seu livro de que mais gosta?**

Não é que não queira responder,

é que não sei como responder a essa pergunta.

**Qual a sua maior referência literária? Porquê?**

William Somerset Maugham. Mostrou como é possível falar de coisas profundas de uma forma fluida, compreensível e interessante. É o grande mestre.

**Considera que as suas obras têm uma conotação política e que quem as lê pode atribuir determinada inclinação ideológica?**

De modo nenhum. A minha orientação ideológica é a verdade e a verdade não é de esquerda nem de direita, é a verdade. Sinto-me livre para expor a verdade sem complexos nem me deixar condicionar pelo bullying manobrado pelas agências de comunicação dos partidos, e creio que

De que vai a Igreja acusar-me? De dizer a verdade? Mas dizer a verdade é justamente o meu dever.



os leitores, que não os políticos, apreciam isso.

**Vai continuar no jornalismo por muitos anos? De que forma esta profissão o complementa enquanto romancista?**

Ser jornalista faz parte da minha identidade, pelo que não faço tenções de abandonar esta profissão.

**Mas existem pessoas em Portugal que querem vê-lo fora do jornalismo?**

Os políticos, sem dúvida. Não direi todos, pois naturalmente nem todos são iguais nem se pode pôr toda a gente no mesmo saco, mas muitos, talvez a maioria, não quer jornalistas incómodos, que fazem perguntas inconvenientes e que expõem a mentira. Preferem o jornalismo do respeitinho, da cumplicidade, da submissão aos interesses instalados. Para esse tipo de políticos, um jornalista obcecado pela verdade provoca incómodo.

**Ainda existe algum tema que não tenha explorado nos seus romances e que lhe apeteça aprofundar para um próximo livro?**

Com certeza que sim. Espere pela próxima obra e verá.

**Como definiria o seu mais recente thriller, “Vaticanium”?**

É um romance sobre a corrupção na Santa Sé e conta histórias reais com nomes verdadeiros sobre as negociações entre o Vaticano, a máfia e a classe política. Esse é o tema real do livro. O ponto de partida ficcional é o rapto do papa por um comando do Estado Islâmico. Digo que isto é ficcional, mas na verdade ainda no mês passado o Estado Islâmico anunciou que o seu inimigo número 1 é o papa. Não é o presidente dos EUA nem o primeiro-ministro de Israel, é o papa. Isto mostra que a “ficção” no romance não é tão ficção quanto isso.

**Afinal, o que escondem os bastidores do Vaticano?**

Muita lama, acredite. E envolve papas, incluindo João Paulo II. A minha mulher acha que é o livro mais escandaloso que já escrevi.

**Espera obter mais reações enérgicas por parte da Igreja Católica com o seu novo trabalho?**

Do que vai a Igreja acusar-me? De dizer a verdade? Mas dizer a verdade é justamente o meu dever. ■



## LITERATURA

# O “trapezista” Bob Dylan recebe o Nobel e enfrenta níveis de contestação

Ter um cantautor, mesmo com a dimensão da sua obra, a ser distinguido com este galardão chocou quem lembra nomes grandes da Literatura que ficam fora.

Paulo Jorge Pereira  
ppereira@jornaleconomico.pt

Encontrar unanimidade em redor da atribuição de um prémio é algo que, por norma, se revela quase impossível. No caso de ontem, o Nobel da Literatura para o norte-americano Bob Dylan tornou-se mais um exemplo a juntar ao extenso historial de contestações. No fundo, com outras motivações e pelos mais variados motivos, repete-se de forma adaptada a controvérsia que, quase todos os anos, se gera quando chega o momento da cerimónia dos Óscares em Hollywood.

Logo em 1965, o próprio Dylan, bem longe ainda da aura de mito que foi conquistando, distanciava-se da classificação de grande poeta que a imprensa lhe atribuía. “Não me chamo poeta porque não gosto da palavra – sou um artista do trapézio”, disse, como lembra o “El País”.

A CNBC enumerou casos de

autores com obra extensa e notável que nunca foram distinguidos com o galardão – Joyce, Tolstoi, Chekhov, Proust, Ibsen, Mark Twain ou Arthur Miller são apenas alguns dos exemplos.

Que haja um cantautor, mesmo que a obra tenha a dimensão da que apresenta Dylan, a ser premiado quando alguns dos maiores nomes da História da Literatura vão ficando de fora, foi algo que chocou uma parte dos críticos e observadores internacionais. Quem assim se pronuncia demarca-se da importância exercida pela obra de Bob Dylan quer no desenvolvimento intelectual do panorama musical, quer na fortíssima componente social da sua intervenção.

Desde 1996 que a candidatura do moderno trovador norte-americano a uma distinção desta envergadura produzia efeitos, comentários, apoios e rejeições. Allen Ginsberg, visto como espécie de figura paternal para Dylan, considerou-o “um dos maiores bardos norte-americanos do século XX e as suas pala-

vas exerceram influência em diversas gerações de homens e mulheres em todo o mundo.”

Já em 2012, Joseph Epstein escrevera um texto de opinião no “Wall Street Journal” em que se manifestava contra o próprio prémio. “Estaria o mundo literário melhor sem a existência do Nobel da Literatura? Por certo não ficaria pior, pois a atribuição do prémio segundo os critérios atuais não estabelece verdadeiro padrão quanto à produção literária, nem aumenta o prestígio da própria Literatura”, referiu.

“Gandhi passa bem sem o Nobel da Paz – a grande questão é saber se o Nobel da Paz pode passar sem Gandhi”, disse Geir Lundestad, antigo diretor do Instituto Nobel, sobre aquela que considerava a maior omissão no historial do prémio. Mas podia o Nobel da Literatura mesmo passar sem Dylan? Citado pelo “El País”, o compatriota Bruce Springsteen deixou uma pista para a resposta: “Se Elvis Presley libertava o nosso corpo, Dylan liberta a nossa mente.” ■

## OUTRAS POLÉMICAS

## De Egas Moniz a Obama

A atribuição do Prémio Nobel gera inúmeras discussões e paixões desconhecidas, muitas vezes suscitando contestação aos galardoados, seja qual for a categoria. Entre os contestados estão nomes como Fritz Haber, premiado por trabalho que abriu caminho a maior uso de fertilizantes em larga escala e, desse modo, desbloqueou questões importantes para a agricultura e alimentação de milhões. Ao mesmo tempo, contudo, desenvolveu atividade na criação de armas químicas para uso na I Guerra Mundial. O português Egas Moniz, que desenvolveu a lobotomia frontal, usada até aos anos 70 para tratar doenças mentais ou epilepsia, foi contestado pelos danos que a sua técnica causava nos cérebros dos pacientes. Outros casos de contestação: os galardões da Paz atribuídos a Henry Kissinger (1973), Yasser Arafat (1994), Barack Obama (2009) ou à União Europeia (2012), sempre por serem considerados contraditórios face às práticas de cada um. No caso de Arafat, um membro do Comité, Kare Kristiansen, demitiu-se.



Mario Anzuoni / Reuters

## NOVIDADES

## “Para Aquela Que Está Sentada No Escuro À Minha Espera” de António Lobo Antunes (Dom Quixote)

Um livro perturbador sobre a memória – ou a perda da memória. Uma velha atriz luta com a idade e as suas contingências, enquanto as recordações do passado invadem os seus dias.

“Para Aquela Que Está Sentada No Escuro À Minha Espera”, trigésimo segundo livro na obra de António Lobo Antunes, vigésimo sétimo romance, chega às livrarias no próximo dia 18.



## “Doutor Sono”, de Stephen King (Bertrand Editora)



“Uma fortíssima sequência de The Shining”. É desta forma que o jornal “The Observer” descreve “Doutor Sono”, no qual Stephen King recupera um dos seus livros mais célebres, adaptado ao cinema por Stanley Kubrick, e prossegue a história de Danny Torrance, o menino com poderes psíquicos e uma sensibilidade para as forças sobrenaturais no asfíxiante e perturbador Hotel Overlook. Nas livrarias desde dia 14.

## “A Escada de Istambul”, de Tiago Salazar (Oficina do Livro)

Em Istambul, confluência de mundos, uma estranha escada desperta a atenção do autor deste romance, que decide ir atrás da sua história. Ela confunde-se, porém, com a saga dos seus construtores. Conhecidos como os “Rothschild do Oriente”, os judeus Camondo erraram pela Europa até se instalarem em Istambul, onde viriam a tornar-se banqueiros do sultão e grandes filantropos. “A Escada de Istambul” marca a estreia no romance de Tiago Salazar. Chega dia 30.



## “LX, 80, Lisboa Entra Numa Nova Era”,

de Joana Stchini Vilela e Pedro Fernandes (Dom Quixote)



O rock em português e o escândalo das Amoreiras. Nos anos 80, as mulheres tinham o primeiro filho aos 23 anos, a taxa de analfabetismo era de 18,6% e havia 98 bairros da lata, 18 dos quais sem luz. O Tollan afundava-se no Tejo e tornava-se atração turística e o Chiado ardia de madrugada. Um Perna de Pau custa 12\$50. A Lisboa dos anos 80 é uma cidade onde tudo parece possível. E tudo está por fazer. À venda a 25.

## “À Beira do Abismo”, de Ian Kershaw (Dom Quixote)

Primeiro volume da enciclopédia do século XX que o historiador britânico Ian Kershaw (autor da biografia definitiva de Adolfo Hitler) editará nos próximos dois anos. Neste primeiro volume aborda o período entre 1914-1949, em que a Europa mergulhará em guerras tão catastróficas das quais só recuperará gerações depois. À venda a 18 de Outubro.





## TECNOLOGIA

# Papéis aumentados

**Primeiro os smartphones, depois os smartwatches e agora as smartpens... Para que possa escrever normalmente e, no minuto seguinte, estar tudo digitalizado. Limpinho.**

**Bruno Lobo**  
blobo@jornaleconomico.pt

Não deixa de ser curioso que seja a Montblanc, empresa de escrita tradicional por excelência, que se aventurou pela primeira vez neste tipo de produto. Ou talvez não, porque já tinha sido a Montblanc, também, a primeira marca a apresentar uma solução híbrida, que aliava um tradicional relógio mecânico a um gadget com as funções de smartwatch. A marca aprecia aliar os dois mundos e este Augmented Paper é um exemplar perfeito disso mesmo.

Um “caderno” que se usa de uma forma perfeitamente normal mas que permite passar as suas notas ou desenhos para o formato digital ao simples toque de um botão. Uma vez ali, podem ser editadas, traduzidas em texto digital, partilhadas, catalogadas e guardadas... Tudo para facilitar a vida e aumentar a produtividade.

Abrindo o fôlio, encontramos um caderno de folhas perfeitamente normal, mais uma caneta ou “instrumento de escrita” adaptado Montblanc StarWalker. Ao escrever com a caneta, a tecnologia de digitalização – que está escondida na pasta – reconhece cada traço e armazena tudo na memória. Eventualmente as folhas hão-de acabar mas, tecnicamente, a tecnologia funciona com qualquer recarga de papel com as mesmas dimensões. Ainda assim, para manter o estilo do Augmented paper, recomendamos que utilize as recargas oficiais.

A Augmented Paper é um clássico produto Montblanc, com o design característico da marca e uma qualidade irrepreensível. A pele vem da Pelleteria Montblanc, em Florença, e é a mesma que está presente na nova colecção Urban Spirit.

O que não pode trocar é a caneta, necessária para que a tecnologia funcione, mas vem já com três recargas incluídas.

O reconhecimento de escrita – que funciona em 12 idiomas, in-

“Poder compartilhar pensamento e trabalho digitalmente tornou-se essencial”.  
Jerôme Lambert

cluindo português, inglês, francês, espanhol ou chinês e alemão – é bastante eficiente sempre que escreve de forma minimamente legível. “Riscalhada” torna-se mais difícil (por que será?), pelo que, se for “médico”, possivelmente terá de fazer umas emendas ao texto em digital.

A bateria tem uma vida útil de 8 horas em uso contínuo e pode armazenar 100 páginas até ter de transferir tudo para o telemóvel. O Augmented Paper liga-se exclusivamente à aplicação dedicada, disponível para Android e iOS. A partir daqui pode depois transferir para um PC, se desejar.

Nada bate o escrever à mão, em papel. É muito melhor do que teclar, seja o teclado virtual ou não. Mas temos de reconhecer, como fez o CEO da Montblanc, Jerôme Lambert, “poder compartilhar pensamento e trabalho digitalmente tornou-se essencial”. Aqui não precisa de sacrificar nada para juntar o antigo e o novo. É mesmo o melhor de dois mundos. ■

## MAIS OBJETOS ‘SMART’



## Louis Vuitton City Guides

Finalmente! A Louis Vuitton vai acrescentar quatro novas cidades aos seus famosos City Guides e uma delas é Lisboa. Agora é oficial: Lisboa está na moda. Desde 1998 (ano em que foram lançados) que os City Guides da Louis Vuitton se tornaram numa referência para o viajante informado. Não é para menos, afinal, cada City Guide capta “o espírito de uma cidade” pela mão da casa francesa e de personalidades criteriosamente seleccionados – o Guia de Lisboa percorre a cidade com Carminho. As outras três cidades são Amesterdão, São Francisco e Taipé. A edição de 2017 estará à venda a 15 de Outubro nas lojas Louis Vuitton ou em livrarias seleccionadas por 30 euros. Cada edição está também disponível na App Store (da Apple) por 10 euros.



## Moleskine Smart Writing Set

A clássica marca de Notebooks também aderiu à era digital. O Smart Writing Set é composto pela App (Moleskine Notes App), por uma caneta Pen+, com uma “câmara escondida” que grava todos os seus gestos, e pelo caderno “Paper Tablet” que engenhosamente tem os campos mais arredondados para se parecer mais com um tablet. A bateria na caneta dura 5 horas de escrita e desenhos contínuos. Custa 229 euros na loja online da Moleskine.



## Montblanc e-Strap

Antes dos Augmented Papers, a Montblanc já tinha lançado um produto que casava o digital com o mecânico. Chama-se e-Strap e é um pequeno ‘gadget’ com um ecrã de 22 mm que ‘entra’ na bracelete do relógio e se liga ao telemóvel. Permite receber notificações (e-mails, sms, redes sociais) e saber quem lhe liga ou monitorizar a atividade física diária e controlar remotamente o telemóvel (fotos e música). Basicamente, tem todas as funções normais dos ‘smartwatches’ e precisa apenas de a carregar uma vez a cada cinco dias.



# ROTEIRO

## GRANDE LISBOA

### 15: Grande Prova Mediterrânica de Azeites e Vinhos do Alentejo – Centro Cultural de Belém

Mais de 30 Azeites e 400 Vinhos do Alentejo em prova, oriundos de 85 produtores. Provas comentadas, seminários, experiências gastronómicas e conversas completam o programa de dois dias dedicado ao melhor que a região tem para oferecer.



### 15: “Nós Matámos o Cão Tinoso” – Teatro Ibérico – 21h30



Com texto original de Luis Bernardo Honwana, direção e encenação de João Garcia Miguel, interpretação de Frederico Barata e Sara Ribeiro, música de Ricardo Martins e Joana Guerra, o mais longo dos contos da referida obra numa nova criação da companhia João Garcia Miguel. Bilhetes: 10 euros.

### 16: VERA World Fine Art Festival 2016 – Cordoaria Nacional – 10h00 às 20h00

Vera Go!, um peddy paper associado às artes existentes na zona do Chiado e Baixa e Lisboa, e o Mini-Vera, iniciativa que trará à Cordoaria Nacional várias escolas do distrito da capital, foram novidades na edição deste ano.

### 16: Arquiteturas2016 Rehab Nation – Fórum Lisboa e outros espaços – último dia.

### 16: Recital de Piano de João Bettencourt da Câmara – Centro Cultural de Belém – Pequeno Auditório – 17h00

Um dos mais virtuosos pianistas interpreta obras de Beethoven, Liszt, Prokofiev e Scriabin.

### 16: Caminhada de Supermoon em

### Monsanto – Parque Florestal de Monsanto – 20h00 a 23h00

Hoje o céu é marcado por um acontecimento excepcional, a Super Lua que, além de cheia, estará muito perto da Terra (Perigeu).



A ideia é poder apreciá-la num dos pontos menos iluminados da capital, um convite da Green Trekker.

### 15 e 16: Dois dias de Bao – Bar 38º 41’ – Altis Belém Hotel & Spa

Gua Bao's são pães cozidos a vapor, recheados com diferentes vegetais e proteínas de diversas



origens, guarnecidos com molhos que os tornam numa iguaria gulosa e divertida. Uma das grandes tendências de street food asiática.

### 18: Dr L. Subramaniam – Fundação Gulbenkian, Grande Auditório – 21h00

Este virtuoso violinista indiano colaborou, por exemplo, com nomes grandes como Herbie

Hancock e Stevie Wonder, entre outros. No concerto em questão vai apresentar clássicos carnáticos – músicas do sul da Índia – e mostrar-se à altura dos elogios que tem granjeado por todo o mundo. Chamam-lhe o “Paganini da música clássica indiana”.

### 19: Workshop de Caligrafia Japonesa e nós japoneses decorativos – Museu do Oriente –

Até ao final do ano, com o objetivo de revelar diversas tradições e culturas asiáticas, o Museu do Oriente organiza cursos e workshops que abordam as mais variadas artes, à luz de técnicas utilizadas no outro lado do mundo.



Neste caso trata-se de iniciar os participantes no shodo – ou “caminho da escrita” – e nas suas principais técnicas, espécie de metáfora da vida, uma vez que são reflexo do estado de espírito do autor. E, de acordo com a tradição

## GRANDE PORTO

### 16: Peter Murphy – Casa da Música – Sala Suggia – 21h00

“Stripped” é um concerto mais intimista deste mestre do pop/rock britânico e conta com dois convidados especiais: Emilio Zeff China (baixo e violino) e John Andrew (guitarra). Para ouvir temas como “Hollow Hills”, “Indigo Eyes”, “King Volcano” ou “Cascade”, entre muitos outros, durante 90 minutos que prometem tornar-se inesquecíveis. Preço: 35 euros.



nipónica, a inspiração chegará da própria estação do ano e de um poema haiku para um caractere sazonal. No dia 20 é a vez do workshop de Mizuhiki sobre nós japoneses decorativos.

### 20: Red Bull Music Academy Culture Clash – Coliseu de Lisboa – 20h30



O primeiro embate da Academia Reb Bull por terras portuguesas. Quatro palcos, quatro bandas e, no fim, só pode haver um vencedor. A competição: Club Atla, Moullinex Live Machine, Matilha e Batida + Kambas e o Próprio Kota!

**15, 16, 20, 22, 23: Quinze Bailarinos e Tempo Incerto –** Companhia Nacional de Bailado – 18h30 (15 e 22) e 16h00 (16 e 23). O dia 20 é dedicado às escolas. João Penalva cuida da direção, cenário e figurinos; Rui Lopes Graça trata da coreografia; para David Cunningham fica o som, tendo a contribuição de Zhuomin Chan e Michael Scott; o desenho de luz é de Nuno Meira num espectáculo interpretado pelos artistas da CNB. Penalva, artistas plástico que vive em Londres há vários anos, volta à dança. Segundo o site da CNB, “a sua intenção é reproduzir, no

século XXI, um ‘ballet branco’, cuja ausência de narrativa abra a porta à multiplicidade de leituras, enquanto devolve à dança o lugar primordial”.

### 20/21: Ópera: ciclo Utopias (Bosch Beach) – Teatro Municipal Maria Matos – 21h30; sala principal, preços entre 7,5 e 15 euros; duração: 75 min

Com Vasco Mendonça, Kris Verdonck, Dimitri Verhulst, Lod Muziektheater e a Orquestra Gulbenkian.

Segundo recorda o site do Teatro Maria Matos, “Hieronymus Bosch é um dos pintores mais misteriosos na história da arte nos Países Baixos.



Por ocasião do 500º aniversário da sua morte, a companhia Lod junta o compositor Vasco Mendonça, o escritor Dimitri Verhulst e o encenador Kris Verdonck para fazerem uma produção de teatro musical baseada na obra de Bosch”. Os quadros do pintor “são conhecidos pelas criaturas peculiares em cenários bizarros ou com cenas sinistras, como em ‘O Jardim das Delícias Terrenas’ e ‘O Juízo Final’”.

**Até 4/11: “Uma extensão do olhar – art & law” –** PLMJ organiza exposição de fotografia na Sociedade Nacional de Belas Artes.



# ROTEIRO



O chef Rui Silvestre, do Bon Bon, a mais recente estrela Michelin nacional, é o anfitrião de dois jantares que vão contar com a ajuda de João Oliveira (do restaurante Vista), André Silva (Largo do Paço) e Alexandre Silva (Loco), a 15. No dia seguinte é a vez de Leonel Pereira (S. Gabriel) e Michel van der Kroft (do restaurante holandês T Nonnetje).

**Até 21: Festival de Teatro 2.º Ato** – Teatro Mascarenhas Gregório (Silves) – 21h30

## LEIRIA

**15: Big Wave Tour** – Nazaré – Praia do Norte



A Nazaré inaugura a temporada do hemisfério norte da Big Wave Tour, o campeonato de ondas grandes da Liga Mundial de surf. Para que o evento aconteça é necessário que a natureza coopere e se criem ondas entre os 6 e os 12 metros. Em prova estarão o sul-africano Grant “Twiggy” Bake, atual campeão do Mundo, Greg Long, ex-campeão do Mundo e Garrett McNamara, além dos portugueses Alex Botelho, António Silva ou João de Macedo.

## PONTA DELGADA

**15: Barriga da Baleia** – Teatro Micaelense – 17h00  
Num original de António Jorge Gonçalves, a interpretação é de Ana Brandão (narração, canções e movimento), António Jorge Gonçalves (realização plástica, desenho e manipulação de objetos) e Nuno Pratas (sonoplastia incidental)

Preço: 2 euros (criança); 5 euros (adulto, mas há possíveis descontos)

## GUARDA

**15: Peter Murphy** – “Stripped” – Teatro Municipal da Guarda  
O antigo vocalista dos Bauhaus passa por várias salas portuguesas. Desde 1986 que Murphy segue uma carreira a solo, assinalada com o trabalho de estreia “Should the World Fail to Fall Apart”. Desde então, afastou-se da imagem punk e aproximou-se da pop. “Love Hysteria” (1988) levou-o a públicos mais alargados com temas como “Indigo Eyes”, “Cuts you Up” ou “All Night Long”. Mas, tendo ao lado a sua banda, por certo não vão faltar oportunidades para recuperar temas que já são clássicos da sua carreira a solo, mas também a revisitação às memórias dos Bauhaus, banda mítica para várias gerações de melómanos.

## GUIMARÃES

**21: Maria Gadú** – Centro Cultural

Vila Flor – 22h00



Ela compõe, canta e escreve músicas que encantam toda a gente como “Shimbalaiê” – Maria Gadú é uma das principais intérpretes da música brasileira atual. Neste terceiro trabalho, Maria Gadú está em plena afirmação e o seu talento criativo não oferece qualquer contestação. Com “Guelã” é possível ter acesso a letras filigranadas, linhas melódicas encantadoras e canções com o condão de marcar quem as escuta. Depois de pisar o palco vimaranense, Maria Gadú segue para outras cidades europeias.

**15: ‘7 Décadas de Vinho do Porto’** – Feeling Grape – 15h30



Uma Masterclass por Carlos Alves, enólogo de Vinhos do Porto do grupo Sogevinus (Kopke, Burmester, Calém e Barros) para descobrir o estilo Tawny e as melhores formas e segredos de como preservar e cuidar este néctar. Para apenas 18 enófilos por 38 euros por pessoa (inclui degustação de vinhos e algumas iguarias).

**15: Da Coleção Serralves: Pedro Cabrita Reis, One Floor One Floor**



**Plan** – Museu da Misericórdia do Porto (MMIPO) – patente até 22 janeiro de 2017.

Esta mostra resulta de uma parceria entre a Fundação e a Santa Casa da Misericórdia do Porto, ao abrigo da qual obras da Coleção de Serralves serão apresentadas regularmente no MMIPO ao longo

dos próximos três anos. A inauguração recaiu em Pedro Cabrita Reis, um dos mais influentes artistas portugueses.

**15: Brands Like Bands** – Porto Hard Club – 20h00



É um festival único no mundo, porque reúne exclusivamente bandas formadas em empresas. As receitas dos espetáculos revertem para associações humanitárias. Hoje atuam os Ar-de-Coro (do grupo Impresa Norte), os AudioCEiIA (da CEiIA), os Popular Beats (do Banco Popular) e Liberty Big Band (Liberty Seguros).

**Até 23: Festival Internacional de Marionetas do Porto 2016** – Porto – www.fimp.pt

## ALGARVE

**16 e 17: Rota das Estrelas 2016** – Restaurante Bon Bon – Carvoeiro

**CAMPO PEQUENO**

**MERCADO DE VINHOS**  
PEQUENOS PRODUTORES, GRANDES DESCOBERTAS

**28 A 30 OUTUBRO . 11H30-21H30**

RENOVADOR OFICIAL

CA Crédito Agrícola

COOPERADORA: m80 | CORREIO | SÁBADO

PARCERIAS: W W W | carris | Transportes de Lisboa | mytaxi | ORGANIZAÇÃO: | APOIO: |





Opel

O débito de potência do motor biturbo 1.6 CDTI é comparável ao de um motor de 2.0 litros e os faróis têm matriz LED.

## MOTORES

# Um biturbo cheio de raça marca o novo Astra

O novo Opel Astra Biturbo CDTI Innovation inspirou-se no protótipo Monza Concept e convence logo nas primeiras impressões.

Vitor Norinha

vnorinha@jornaleconomico.pt

Agilidade e economia são as características de base para quem experimenta, pela primeira vez, uma station que tem um PVP de 33.600 euros e alguns extras (pagos) que fazem a diferença. Falamos dos faróis de matriz LED, ainda o pack de estacionamento avançado e jantes de liga de 17 polegadas. Há ainda uma dupla entrada USB na consola traseira e a existência de roda sobressalente, algo que deixou de ser comum nos novos modelos.

Mas vamos ao veículo. Este Astra Biturbo tem uma arquitetura totalmente nova, onde sobressaem os aços ultra-resistentes de baixo peso e, por isso, o novo modelo pesa menos 190 Kg. Isto significa naturalmente um menor consumo. A carrinha que experimentámos, de 160 cv de potência, recupera dos 80 aos 120 Km/h em 8,1 segundos e consome, segundo a marca, 4,1 l/100 Km. Conseguimos bem

pioir com uma média de 5,4 l/100 Km e utilizámos uma caixa manual de seis velocidades.

Neste Astra há pormenores que marcam a diferença a começar pela porta da bagageira eléctrica com sensor de pé. Nesta station wagon Astra, o portão traseiro pode ser aberto sem contacto do utilizador ou sem comando à distância. Em combinação com o sistema open & start de fechadura e ignição sem chave, o simples movimento de um pé sob o pára-choques traseiro é suficiente para abrir a tampa e, para fechar, bastará repetir o gesto, sendo que o sistema pára o mecanismo caso detete algum tipo de obstrução. Outro aspeto relevante está nos bancos traseiros rebatíveis tripartidos na proporção 40/20/40, permitindo multiplicar as configurações da bagageira. A marca oferece ainda um sistema de calhas laterais, redes divisórias e múltiplas possibilidades de fixação, garantindo arrumação ordenada e segura de todos os tipos de volumes.

Outra novidade chega dos faróis Intellilux de matriz de LED e

que a Opel trouxe para o segmento dos familiares compactos. Permitem conduzir sempre com “máximos” fora das cidades, desativando e ativando continuamente, de forma automática, elementos LED direcionados às fontes de luz que correspondem a veículos circulando no mesmo sentido ou em sentido contrário. A área em torno da fonte de luz é simplesmente obscurecida e o resto da entrada permanece bem iluminada. Mas o novo Astra tem outros sistemas de segurança, caso do reconhecimento de sinais de trânsito, até ao sistema de manutenção na faixa de rodagem, o qual asse-

gura correções autónomas do volante em caso de emergência, passando pelo alerta de colisão iminente com capacidade de intervir com travagem autónoma de emergência. Este pode imobilizar o veículo a velocidades inferiores a 40 Km/h.

Sobre o motor só pode haver elogios. O débito de potência e o desempenho do biturbo 1.6 CDTI é comparável ao de um motor de 2.0 litros. Aliás, a velocidade máxima indicada pelo construtor é de 220 Km, sendo que estes números são idênticos ao do anterior motor de 2.0 litros e que debitava mais 35 cv. O desempenho deve-se a dois turbocompressores e a turbina mais pequena, com geometria variável, assegura uma resposta pronta, sem atrasos, nos regimes de motor mais baixos. O turbocompressor ganha pressão à medida que as rotações aumentam. Este motor é 20% mais eficiente do que o anterior 2.0 CDTI e isto deve-se, em boa parte, ao sistema de injeção direta “common rail”, que consegue efetuar até 10 injeções de gasóleo por ciclo de motor. ■

Das novidades fazem parte os aços de baixo peso, a porta da bagageira eléctrica com sensor de pé e os faróis.

## BREVES

### Volvo V90 começou com a Duett

A nova Volvo V90 chegou ao mercado e traz uma história de 60 anos. Tendo por base a nova plataforma SPA da Volvo - Scalable Product Architecture, utilizada nos outros modelos da Série 90 (XC90 e S90), a nova Volvo V90 mantém-se fiel a uma herança de 1953 que começou com a Volvo Duett. A nível mundial, a Volvo já vendeu mais de 6 milhões de carrinhas, o que representa cerca de um terço do total de automóveis vendidos pela empresa desde o ano da sua fundação, em 1927. A Duett foi lançada em 1953 e foi um dos primeiros modelos da Volvo a ser exportado para os EUA. A Amazon, lançada em 1962 (ou 221, o seu nome oficial), foi a carrinha que sucedeu à Duett e era significativamente mais elegante e refinada que a sua antecessora, possuindo também mais espaço de bagagem. O seu modelo S, de 115 cv, era, para a época, um automóvel de excelente performance desportiva. A 1800 ES foi lançada em 1971 e constituiu um “refresh” do sport coupé 1800. Com uma extraordinária capacidade de bagagem, a 1800 ES tinha algumas características inovadoras para a época como, por exemplo, as pegas aplicadas diretamente nos vidros. Pouco mais de oito mil unidades foram produzidas, o que faz deste um dos clássicos Volvo mais procurados de sempre. Em 1974, a Volvo lançou a nova carrinha - 245 -, um automóvel ainda hoje fortemente associado à marca. A sua produção durou cerca de 20 anos, estando também disponível uma versão mais exclusiva - a 265, com um motor V6. Em 1990, a Volvo lançou o modelo 960 que seria, em 1996, alterado para V90 - um nome que regressa agora.

### A opção elétrica na leitura dos Millennials

Um estudo da Nissan diz que 76% dos millennials afirma que conduzir um veículo elétrico é a principal medida que tomariam para tornar a sua vida mais amiga do ambiente. Mais de 50% colocam a hipótese de comprar um veículo elétrico, sendo que parte dos entrevistados dizem já ter comprado.

### Nissan mais valiosa

A Nissan foi reconhecida, pelo 5º ano consecutivo, como uma das marcas mais valiosas, de acordo com o estudo “Best Global Brands” da Interbrand, uma consultora de marcas. A Nissan obteve o 43º lugar do ranking das marcas mais valiosas, uma subida quando comparado com o ano anterior em que ocupava a 49ª posição.